

**Apontamentos da Escola de comunidade com Julián Carrón
Milão, 16 de Março de 2016**

Texto de referência: L. Giussani, «Os três factores constitutivos», em Porquê a Igreja, Verbo, 2004, pp. 108-118.

- *My Lord, what a morning!*
- *Lascia che il mondo*

Iniciamos enfrentando o segundo fator da consciência que os primeiros cristãos tinham da Igreja: «A comunidade revestida de uma “Força do Alto”». Vimos como tinham «a firme convicção de que a realidade do Cristo vivo envolvia a sua vida redimindo-a, assumindo-a na sua própria vida e fazendo dela o mistério de um conjunto unitário» (p. 108-109). Cada um devia medir-se com estas palavras: fazendo o percurso da escola de comunidade a partir do primeiro ponto cresceu a nossa convicção? Tornou-se ainda mais forte a convicção de que Cristo envolve a nossa vida redimindo-a? Que sinais temos disto? E até que ponto aquele fator comunitário desperta um modo novo dizer eu? Em que coisas o reconhecemos? Vivendo no seio de um lugar assim – uma realidade comunitária sociologicamente identificável – entra-se no segundo grande fator: «A comunidade investida por uma “Força do Alto”». Don Giussani fala de uma «dimensão excepcional da consciência em que viviam aqueles primeiros cristãos» (p. 109). Não se contenta simplesmente em descrever os factos, mas insiste na «firme convicção» e na «consciência em que viviam». Tanto é assim, que o primeiro elemento é «a consciência de um facto que tem o poder de mudar a mentalidade» (p.110). Então, de que modo cresceu esta consciência?

Tenho percebido, de algum tempo para cá, que tens insistido muito na verificação da fé como experiência pessoal a que cada um de nós é chamado, e esta tua insistência foi acolhida por mim embora nunca tivesse metido “mãos à obra”. Pensei sempre que era um problema dos outros e não meu porque, no fundo, eu estava com a autoridade, pensava como a autoridade e tentava seguir a autoridade. Em suma, ouvia-te, seguia-te ou pensava que seguia, e de certo modo levava para casa o resultado. E quando na última escola de comunidade tu perguntavas que coisa nos mantém juntos, que coisa realmente nos colocou juntos, o que somos e o que vivemos, eu tinha a resposta. Até mesmo sobre as questões ligadas à Family Day eu estava de acordo. Sobre tudo. Porém, é aqui que está o problema. Havia uma coisa que eu não percebia: estava cheio de palavras e de razões, mas parecia-me ser formal na experiência. Depois aconteceu-me uma coisa no trabalho que me mudou. Tive uma série de dificuldades, por variadas razões, que me fizeram pensar que já não era óbvio eu ainda estar ali. E percebi que havia algo em mim que não estava bem porque, naquela situação, dominou a estratégia em vez da experiência da fé. Porém, isto fez com que aquelas perguntas que tinham sido feitas se tornassem as “minhas” perguntas: No fundo quem sou eu? Que coisa nos mantém juntos? O que é que eu vivo? Desde a última escola de comunidade que estas perguntas estão vivas em mim e dou-me conta de como sou mesquinho a usar a razão, que acaba por estar ao serviço do que é mais cómodo ou do modo como eu imagino a realidade em vez de a viver. E falo de experiência em vez de fazer experiência. Não posso mentir a mim mesmo porque o que está em jogo não é a vida genérica, mas sim a minha vida, o meu destino e a minha felicidade. Por isso gostava de te pedir uma ajuda para perceber de novo o que significa fazer uma verificação séria da fé, quais são os factores fundamentais. Peço-te desculpa pela banalidade da pergunta mas estou a dar-me conta do quão pouco estou habituado a usar a razão segundo a sua verdadeira natureza.

Estás preparado para começar a fazer a verificação? A teu ver – a partir daquilo que disseste e não daquilo que não disseste – em que é que podes descobrir que tu, surpreendendo-te em ação,

cresceste neste primeiro ponto da escola de comunidade, ou seja, na consciência de um facto que tem o poder de te mudar?

Um maior conhecimento de mim

Um maior conhecimento de ti. Onde vês isso?

Que me parecia que percebia e que seguia mas na realidade não...

Isto é simplesmente reconhecer que não mudaste. Mas don Giussani fala da consciência de um facto que tem o poder de te mudar. Mudaste nalguma coisa?

Sim.

Ou seja?

Comecei a fazer um trabalho.

Estás a ver? O ponto é que não estás consciente disso. Qual foi a mudança que identificaste com uma grande perspicácia?

Que as perguntas se tornaram as “minhas” perguntas.

Que as perguntas agora são tuas. Isso parece-te pouco?

Não, não.

As perguntas genéricas, no fundo, deixavam-te igual. Mas na pertença a um lugar moveu-se algo dentro de ti, como dizias ao início, por uma insistência minha na verificação da fé. E depois, um acontecimento no trabalho teve a força de tornar tuas...

...as perguntas

Deixaste de te zangar por não estares à altura de tornar tuas aquelas perguntas. Não pudeste evitar que desde então ardessem dentro de ti, ou seja que te mudassem. Por conseguinte, é o início de algo que, estando tu imerso na comunidade cristã, te está a mudar. Não chegámos ao fim do percurso, mas à «consciência dum facto que tem o poder de mudar a personalidade». Para nós isto são palavras, títulos sobre os quais depois raciocinamos em abstracto. E no entanto não é assim, é isso o que tens reconhecido. O primeiro factor da verificação da fé é o dares-te conta desta acrescida consciência de ti, mas sobretudo daquilo que está na origem desta mudança. E isto permite não só falar da experiência, mas fazê-la. Não é só um esforço moralista teu, porque tu já estás a fazer esta experiência! O problema é que não se torna completamente experiência enquanto não te deres conta. Está a acontecer alguma coisa, mas não chega ao nível da consciência, e então fazemos perguntas sem nos darmos conta daquilo que já está a acontecer em nós. É preciso reconhecer que tu já identificaste um factor da verificação. O início da resposta já a tens na experiência que estás a fazer.

Obrigado.

«Os primeiros cristãos estavam bem cientes de que tudo o que entre eles acontecia de novo e de excepcional, relativamente à sua vida anterior, e de desconcertante em comparação com a existência que tantos à sua volta levavam [zangavam-se, bloqueavam-se, lamentavam-se, agrediam-se], não era um fruto da sua adesão, da sua inteligência o da sua vontade [a que nós reduzimos e verificação] [...] era um dom do Espírito» (p.110). Mas isto parece-nos demais. Que aquilo que testemunhaste possa ser um dom do Espírito nem sequer te aflora como consciência, nem sequer o mencionas na intervenção. Por isso não é capaz de gerar uma personalidade suficientemente consciente. Porquê? Porque a personalidade é consciência de si: se não se chega ao nível da autoconsciência, não se gera a personalidade.

Nestas últimas semanas estou impressionado pela força descritiva dos capítulos da Escola de Comunidade em relação à minha vida e ao que acontece, no sentido em que, relendo a parte sobre a consciência de si da comunidade cristã e dos primeiros cristãos, é-me inevitável a comparação imediata com a minha vida. Em especial, tocou-me o capítulo sobre a «Força do alto». Com efeito, dou-me conta de alguns momentos na minha vida, chamemo-los assim, de ênfase na relação com os outros e com a realidade, que me interrogam porque me remetem a um quid de misterioso. Dou dois exemplos e depois faço uma pergunta. No meu trabalho (sou director de uma escola) encontro as pessoas com muita frequência: alunos, pais, docentes, normalmente por problemas, por azares,

por causa daquilo que não funciona. Recentemente tive duas conversas. O ano passado conheci um aluno de 14 anos, repetente, cuja mãe morreu e cujo pai está na prisão. Repetente, este ano está a dar o pior de si: é muito frequentemente enviado ao meu gabinete, enerva-se com alguns professores, responde mal. Da última vez quis ser directo com ele, porque já não queria regressar à sua aula e muito menos pedir desculpa à professora pela asneira que tinha feito. Disse-lhe que percebia a sua zanga com o mundo, disse-lhe que sabia da sua mãe, perguntei-lhe pelo pai, pelo que faz com ele quando os serviços sociais o levam a vê-lo, se lhe quer bem. E neste diálogo serrado, como num ênfase, com um “mais” que encontrei em mim, acabei por lhe dizer: «Tu não és a tua raiva, não és um erro, não és um rapaz mal acabado. E os erros do teu pai não te podem determinar». Senti dois olhos fixos em mim. Concluí dizendo-lhe que voltasse à aula e pedisse desculpa. E assim fez. E nos dias seguintes – quando chegou à escola – sorriu-me e falou-me, tirando o capuz que tem sempre posto. Segunda conversa. Veio ter comigo a mãe dum aluno que escolheu o ensino secundário para o próximo ano. É uma senhora muçulmana, de véu. Disse-me que não sabia porque tinha vindo ter comigo, mas em lágrimas contou-me como a directora da escola em que inscreveu o filho para o próximo ano, filho que tem problemas de saúde, não a quis ouvir, nem sequer ao telefone; simplesmente comunicaram-lhe que não havia vaga para o seu filho na escola. Mais uma vez repetiu que não sabia porque se tinha dirigido a mim para contar e – dizia – para se fazer ouvir. Depois falámos do filho e no fim disse-lhe que rezaria pela sua saúde. E mais uma vez vejo diante de mim dois olhos cheios de lágrimas e gratidão. Em ambos os casos, no fim da conversa, depois de me despedir do interlocutor, apercebi-me duma sobreabundância em mim das coisas que tinha dito a estas pessoas, como o reconhecimento sincero da acção dum Outro. Logo a seguir, porém, enquanto trabalho, enquanto faço outras coisas, enquanto leio, enquanto estudo, deparo com a dúvida racionalista: mas terá sido mesmo assim? Não, digo-me, é o meu temperamento. Além de tudo isto, eu que sou dum género bastante jovial, cordial, dum estilo meu meio estúpido, desde que sou director ando a experimentar a comoção pelo outro e a dor da minha impotência em ajudá-lo, como nunca antes na minha vida, faço a experiência de chorar com os outros. E no entanto continuo a explicar a mim mesmo: é pela educação a que fui submetido, cujos “conceitos” estão sedimentados no meu coração e na minha razão, e assim fi-los meus. Ou seja, vejo em acção em mim a tentativa de explicar com factores domináveis aquele excesso que, no entanto, constato e constatei. Portanto, Carrón, a pergunta é esta: como é que se faz para estarmos seguros que age em nós uma «Força do alto»? Aquela consciência certa dos primeiros cristãos pode ser também nossa?

Tu o que sugeres?

Posso dizer, na diferença dos dois olhares, das duas atitudes, que efeito constatei em mim.

Não precisas disso. Antes que chegasse o olhar... O olhar é uma confirmação; antes que chegasse o olhar, o que disseste?

O que disse?

«Um “mais” que encontrei em mim».

Sim.

Antes de mais! A primeira coisa surgiu dentro de ti. Está aí a fonte que tocou aquelas pessoas.

Dei por ela em mim.

Deste por ela em ti. Basta! É para isto que é preciso olhar. Este “mais” és tu que te dás? Isto é crucial, porque nós tantas vezes passamos de imediato ao olhar do outro, o que está muito bem, mas não nos damos conta da origem do nosso gesto, que precede o confronto com a reacção do outro. Mas como não nos damos conta, muitas vezes dependemos da confirmação de outrem. Mas Giussani sempre nos disse que a fé é uma experiência presente «confirmada por essa», porque tu tens a confirmação, antes de qualquer retorno externo, na tua própria experiência, neste “mais” de que surge o olhar que depois comove o outro. É isto que damos por adquirido, de que não somos conscientes e que, no entanto, determina a autoconsciência. Porque de outro modo somos frágeis, e se não encontramos a confirmação externa...

...cedemos.

Cedemos, com todas as consequências que sabemos: lamento, insegurança, medo. Primeira questão: não nos deve escapar que o facto está. Segunda questão: o facto está de tal modo presente que é a origem daquele olhar (que não se impõe mecanicamente). Então o que é que encontras na Escola de Comunidade para responder à tua pergunta? Como é que estes factos, este “mais” que descobres em ti não te torna seguro? «O homem» agora «é posto diante de Jesus Cristo do mesmo modo tanto há dois mil anos como hoje»; nenhuma diferença e, como então, «nenhum símbolo poderá jamais impor à liberdade do homem, como obrigação, que se coloque diante da proposta de Cristo aberta de par em par como o rosto de uma criança, ou cautelosa e desconfiada como o olhar de tantos adultos. (p. 117). Ou seja: não te é poupada a liberdade. Mas nós muitas vezes, no fundo, quando fazemos estas perguntas estamos à espera de factos que tornem supérflua a nossa liberdade. Como no tempo de Jesus: «Dá-nos um sinal ulterior, que nos poupe da liberdade». Não existem, graças a Deus! Tu já tens tudo aquilo de que precisas. A questão é que a nossa liberdade pode estar aberta, escancarada como uma criança, ou então circunspecta como um adulto que deixa prevalecer, como dizes bem, a dúvida racionalista. Mas é preciso olhar de frente a dúvida racionalista. Esta dúvida pode eliminar aquilo que me aconteceu? A dúvida pode apagar aquele “mais” que encontrei em mim? A dúvida pode cancelar o facto que tu agora estejas à minha frente?

Não.

A dúvida não o pode cancelar. Depois, depende do movimento da nossa liberdade reconhecê-lo ou não. Esta é a nossa liberdade. Sem esta liberdade não cresce a tua autoconsciência, porque não há, como diz Giussani, qualquer mecanismo na relação com Cristo. E no entanto nós cultivamos a imagem duma evidência que nos poupe a liberdade. Impossível! Todos os sinais te são dados. E tu tens que decidir se os usas, se até aproveitas esta dúvida para ter perguntas: é verdadeiro ou não é verdadeiro? Não deixes escapar a ocasião, não guardes aí a dúvida sem a resolver. Este é o teu sim: seguir o que acontece, não deixar a dúvida por resolver (que só faz crescer a insegurança).

Grazie.

Há uns dias ia para a caritativa, que fica a cerca de 20 minutos da Universidade onde estudo. Ia de carro. A dada altura, a polícia manda-me parar no âmbito de uma operação stop. O polícia que veio pedir-me os documentos estava zangadíssimo, estava mesmo aborrecido ainda que eu só tenha demorado dois segundos a dar-lhe o bilhete de identidade. Faltava-me um papel que era suposto ter comigo, por isso telefonei ao meu pai toda preocupada para lhe perguntar o que deveria fazer. Entretanto, o polícia afasta-se, eu saio do carro, vou ter com ele e tento explicar-lhe a situação. Diz-me: «Está bem menina, não me faça perder mais tempo, agora preenchemos este formulário». Começa, então, a fazer-me perguntas, onde moro, etc., mas a uma certa altura, depois de me ter pedido a morada e o número de contribuinte, diz-me: «Desculpe, mas tenho de lhe fazer uma pergunta». «Sim, diga». «Mas a menina é religiosa?». Eu fiquei espantada com esta pergunta e respondo-lhe: «Sim». «Mas religiosa de onde? Católica?». «Sim, sou católica». Volta-se para o outro colega e diz-lhe: «Não te tinha dito? Esta rapariga - vês? – tem uma cara mesmo bela, limpa é muito verdadeira. Vê-se que é religiosa». E eu espantada com esta coisa continuo a responder às perguntas sobre a matrícula do carro, etc. A uma certa altura volto-me para a minha colega da universidade que estava comigo no carro e digo-lhe: «Diz aos outros do turno da caritativa que não vamos chegar a horas». O polícia para de repente e diz-me: «Mas para onde é que vão, menina?» «Somos um grupo de amigos que nos conhecemos na Universidade e vamos fazer uma espécie de voluntariado, que se chama caritativa. Estudamos com os miúdos do secundário e do liceu». Verdaderamente espantado, disse: «É uma loucura que no mundo de hoje ainda haja jovens a fazer estas coisas.» O outro polícia olha para mim e acrescenta: «Seja como for não deve deixar de fazer esta actividade, porque é evidente que uma cara assim só pode dar estas coisas belas». Naquela altura pede-me desculpa por me estar a atrasar. No início estava zangado porque lhe estava a fazer perder tempo e agora pedia-me desculpa porque ele me estava a fazer perder tempo para ir para a caritativa! E devolve-me os meus documentos. Volto para o carro e tento começar a explicar à minha amiga aquilo que tinha acontecido, a mudança destes dois polícias,

estávamos a entrar novamente na via rápida quando vemos o carro da polícia que nos tinha mandado parar que se encosta. E eu com a mania das espertezas digo: «Coitados daqueles que vêm atrás de nós, agora vão mandar-lhes parar», mas em vez disso ele manda-me parar outra vez a mim. Então, encosto e digo: «Oh não, enganei-me! O que é que fiz agora?». O polícia aproxima-se já sem fôlego, com os carros a apitar – eu estava preocupada -, e diz-me: «Menina, dê-me por favor os papéis, tenho de acrescentar uns dados», e eu: «obrigada». «Boa sorte, boa sorte para tudo, foi um prazer». Volto para o carro. A minha colega estava completamente estasiada: «Em sete minutos!». Continuava a repetir: «Sete minutos!», ou seja, em sete minutos aquele polícia tinha-se tornado noutra pessoa. Este facto para mim foi fundamental para crescer na autoconsciência de que se falava agora, no sentido que, diante do espanto daquele polícia e da sua mudança...

Era uma confirmação de que se tinha dado verdadeiramente conta da mudança.

Eu dei por mim a olhar-me como se tivesse uma roupa estranha, mas o que é que eu tenho? O que é que eu tenho que um desconhecido, em sete minutos, não só repara numa diferença (também em relação ao que lhe diziam as intervenções anteriores), mas chega ao ponto de identificar a origem no facto de ser católica? Percebeu logo, não é tonto. Como dizes muitas vezes: os outros percebem imediatamente que a origem não está no facto de eu ser ótima, no meu temperamento, mas no facto de eu ser «religiosa». E em relação à pergunta que nos fazes muitas vezes, sobre o que é o testemunho, para mim tornou-se evidente que não é um esforço meu, mas é dar espaço àquele ponto inflamado que existe na minha vida, que me muda e me mudou profundamente, tanto é verdade que um outro que me encontra percebe-o como correspondente e muda, por seu turno.

O que é que temos em nós que em sete minutos pode mudar um outro, ao ponto de despertar nele uma pergunta sobre a origem? Muitas vezes, como nos dissemos nestes últimos tempos, são os outros que nos falam da diferença daquilo que trazemos, que nos consentem fazer a verificação daquilo que diz a Escola de Comunidade, documentam-no. É como se dissessem: dão-se conta que não é assim por causa de vocês, mas por aquilo que vocês trazem? «Mas a menina é religiosa?». A intuição do polícia resulta do facto de aquilo que ele viu não ser explicável racionalmente! É impressionante! Até um que está irritadíssimo pode testemunhar um olhar de uma abertura, com a simplicidade de uma criança que nós podemos não ver. É isto que testemunha ainda mais aquilo que vemos, avançando na escola de comunidade a propósito da luta: «Nós não conseguimos sequer imaginar a radicalidade do combate, da luta, do totalmente diferente que Jesus Cristo [não nós, atenção!] teve de realizar no contexto da mentalidade, da sensibilidade, do andamento estabilizado da vida ao iniciar a sua presença [e o Seu impor-se] no mundo. A história de Cristo entre nós teve como que impor-se por um resultado excepcional, por uma capacidade extraordinária que no Evangelho se chama: «milagre» (pg. 116). Pode explicar-se isto com factores domináveis racionalmente?

Sou médica e conto o que me aconteceu no trabalho, há pouco tempo. Foi transferido para os nossos serviços um bebé prematuro em condições muito graves, cujos pais declaram, mal entraram no hospital, serem contra o encarniçamento terapêutico; que queriam levar para casa um bebé completamente saudável e que não queriam dar, sobretudo ao primeiro filho, um irmão mais novo com graves problemas. Esta criança saiu da fase pior sem necessidade de medidas extraordinárias, mas todos os dias a pergunta insistente da mãe era se a criança seria normal, ou se tínhamos elementos para pensar o contrário. Até que um dia, num dos exames, viu-se que, efetivamente, se estava a desenvolver uma lesão cerebral ainda por quantificar. A conversa com os pais foi muito dura e, quanto mais olhava para a mãe, mais vinha ao de cima um desconforto, uma intolerância e um escândalo. Não era capaz de perceber como é que uma mãe com um filho minúsculo nos braços pudesse ser tão cínica e insensível, como se tudo dependesse do estado de saúde seu e do seu filho. O meu escândalo estava a criar um muro entre mim e ela – como se eu fosse melhor que ela, escrava como sou dos meus projectos sobre o meu marido e os meus filhos ... Nos dias seguintes tentava evitar cruzar-me com ela, entrar naquele quarto, pela raiva que sentia, até talvez pelo

medo de enfrentar aquele sofrimento, e tinha dentro de mim uma grande angústia de cada vez que falava com os meus colegas sobre esta situação. Depois houve a Escola de comunidade e quando disseste: «“Sei muito bem que fomos escolhidos por Deus”, mas será que isto prevalece no nosso modo de agir? Como vêem, não basta ter o texto da Escola de comunidade, onde se diz toda a verdade sobre a Igreja através da sã doutrina de Dom Giussani, para que esta autoconsciência prevaleça». Naquele momento eu percebi que o problema era precisamente a minha autoconsciência: sei que fui escolhida por Deus, sou do CL, estou na companhia da Igreja e, no entanto, não sou capaz de olhar para esta mulher, não sou capaz de falar a sua língua. Esta pergunta que estava a nascer em mim levou-me a aprofundar a Escola da comunidade: Giussani, a dada altura, diz que o dom do Espírito tem de ser pedido, mendigado. Ali explodiu todo o meu coração, todo o meu pedido que Ele se fizesse ver naquele rosto, que aquela circunstância ganhasse para mim um significado. Então, no dia seguinte consegui entrar naquele quarto e à minha pergunta: «Senhora, como está hoje?», seguiu-se um diálogo longo, durante o qual me comovi várias vezes, em que emergiu não o seu cinismo, mas todo o desejo irreprimível de ser mãe, e também o seu terror de que a sua vida e a do primeiro filho pudessem ser estragadas pela doença desta criança pequenina. Pela primeira vez comecei a identificar-me com ela e disse-lhe como, quanto mais vejo os meus filhos crescerem, mais me dou conta de que eles não são como eu os tinha imaginado e, mais ainda, de como sou incapaz de os amar. Respondeu-me que o seu problema não era que o seu filho viesse a ser médico ou homem das limpezas, mas que pudesse ser livre de escolher o que quisesse e não fosse condicionado pela doença. Respondi-lhe que a felicidade por um filho é antes de mais o sentir-se amado e o ver nos pais a certeza que a vida vale sempre a pena ser vivida. E aqui chegámos ao fundo, porque me respondeu que o problema é precisamente esta certeza que ela não tem e por isso está aterrorizada com o futuro. A única coisa que fui capaz de lhe dizer foi que sozinhos é impossível a qualquer pessoa alcançar esta certeza, e que é preciso ser sustentado neste caminho. Por isso propus-lhe encontrar famílias e pais que já enfrentaram e enfrentam a vida com uma criança especial, para se dar conta de como é possível ser feliz. E enquanto eu falava, tinha no meu olhar os rostos dos meus amigos que estão a fazer esta experiência. Aquela mãe ficou entusiasmada com a proposta. Assim, disse-lhe que dentro das minhas possibilidades, também lhe faria companhia neste caminho. Não sei como se desenvolverá esta história, se alguma vez aceitará o seu filho, se a criança será saudável ou não. Mas o que me comoveu foi o ter saído dali com o coração cheio de bem por ela e por ele, alegre, sem a angústia de ter de cortar aquele pedaço de realidade que eu não conseguia enfrentar, consciente de que viver assim o trabalho dá um gosto mil vezes maior. Mas sobretudo aquela mãe e a sua criança (que ainda ficará na enfermaria por bastante mais tempo) são o aguilhão constante para me perguntar se e para quê a vida vale a pena ser vivida, para pedir a ajuda do Espírito Santo para não cair no cinismo, para não me esconder e evitar o que me faz sofrer, porque a minha vida está cheia de projectos que não se realizam e o meu trabalho põe-me constantemente diante da pergunta sobre o sentido da vida. E nisto eu preciso de ser educada e sustentada. Por isso: obrigada.

Ajuda-nos a perceber, no teu testemunho, os sinais desta mudança através da pertença à Igreja. Porque temos que os captar, senão somos genéricos.

Fiz a experiência de uma possibilidade de viver a minha realidade

Só como possibilidade?

Pude desfrutá-la. Estava contente.

Não te escapas assim. Diz-me em que é que percebeste este contentamento. Senão a Escola de comunidade torna-se abstracta. O primeiro sinal, o início do milagre, é que uma pessoa pede e invoca este dom do Espírito. A primeira coisa que fizeste foi isto. Parece que não é nada, no entanto abre a possibilidade de que Cristo presente te escancare uma realidade em que, ao início, te sentias bloqueada e que seguindo a tua reacção espontânea, gostarias de ter eliminado. A surpresa é que a dada altura, porque participas de um lugar como a Igreja, a mudança torna-se experimentável. O primeiro sinal: o pedido. O segundo?

O movimento da minha liberdade.

Realmente, estás de tal modo mudada que entraste no quarto não como o êxito de um esforço («Senhora, como se sente hoje?». O terceiro: a identificação com o outro, com aquela mãe. A possibilidade que nós temos de dar um contributo ao mundo, a detectar os feridos do mundo, como nós, depende da verificação daquilo que vivemos. Porque se não fazemos a estrada da verificação, não poderemos detectar a necessidade daquela mulher, ao ponto de descobrir que o problema era uma coisa humaníssima: não estava segura e por isso estava atemorizada. E, por isso, tudo a escandalizava. Sem este acontecimento presente, que nos faz escancarar o olhar, nós identificamos tudo de modo errado até mesmo – atenção! – o escândalo porque atribuímos ao outro uma coisa que no fundo está apenas ligada à nossa incapacidade de ver todos os factores, mas que a potência do Espírito torna possível. Ao ponto de ficarmos sem palavras! Por isso, o percurso a que somos convidados é tão crucial. Em primeiro lugar, crucial para ti (porque senão vives uma divisão: por um lado participas na vida do movimento; por outro, estás bloqueada no trabalho); e depois para os outros. A verificação da fé tem esta dimensão cultural, histórica, tem esta incidência no modo como vivemos o real.

Eu parto da tua intervenção «Uma presença original», que foi publicada na última Tracce. É óbvio que o conteúdo é impressionante. A profundidade, a clareza de juízo, deixou muitos de nós de boca aberta. Mas o que mais me mais me impressiona é o percurso que fizeste, a forma como te colocaste diante da circunstância que o movimento está a viver agora. Para mim, o que estava a acontecer era um caos. Para ti é uma ocasião. Como nos repetiste várias vezes «tudo o que o Mistério não nos poupa, é para o nosso amadurecimento» («Uma presença original, Tracce, 3/2016, p 1). Eu repito esta frase, mas tu vive-la. E assim começaste um caminho que nenhum de nós – eu, pelo menos – tinha começado, um trabalho, um percurso impressionante. Entraste no âmago da questão mesmo quando, passada a polémica política sobre as uniões civis, poderias não o ter feito. Mas tu quiseste olhar a questão, enfrentá-la como ninguém, perguntando-te o que te pedia e o que nos pedia a nós. Foste ver o que dizia Giussani numa situação semelhante, quiseste verificar a pertinência disto na circunstância que estamos a viver, até chegar a um juízo. Foste ver o que nos ensina a história da Igreja, fizeste a comparação com o Evangelho, etc. Qual de nós fez isto? Parece-me que é aqui que reside a diferença. A isto chama-se verificação da fé. E eu creio que isto é importantíssimo para o crescimento pessoal de cada um de nós. Porque sempre existirão circunstâncias que, de algum modo, nos contestarão, no trabalho, nas relações afectivas, na vida e, se não percebemos a novidade que a fé introduz no modo para as enfrentarmos, estamos perdidos. E o que aconteceu é ainda mais educativo para quem acha que está “do teu lado”. Tu dizes muitas vezes que os mais perigosos são os ditos “carronianos”, porque podemos contentarmo-nos com o facto de que tu fizeste este trabalho, mas nós não o fazemos. Mas o que temos de diferente de ti? Tu fazes isto porque és o chefe? Não. Tu fazes isto, acho eu, pela fé, porque sentes a circunstância como uma ocasião para ti. Se nós não conseguirmos identificarmo-nos contigo, será realmente um crime – pelo menos é como eu o sinto. Porque não cresceremos como personalidade de fé, não nos tornaremos adultos na fé, e contentar-nos-emos com o facto de que tu fazes este trabalho. Também relativamente a este texto, tu marcaste um ponto e nós podemos usar isto como uma bandeira diante dos outros. Mas eu, que trabalho fiz? Nós, onde estamos? Como estou a crescer na fé? Se nos limitássemos a fazer assim, perderíamos todo o contributo que Giussani antes, e tu agora, nos estão a dar. Desde que fiz esta descoberta, peço todos os dias ao Espírito que me dê uma capacidade de identificação assim. É o que mais desejo neste momento. E estou grata por, precisamente agora, fazermos a Escola de comunidade sobre a «Força do alto», porque nesta tua posição e no contributo que deste foi muito evidente para mim. É-me impossível ler o teu texto e não pensar nas palavras da Escola de comunidade: «Profeta é aquele que anuncia o sentido do mundo e o valor da vida. A força da profecia é a força de um conhecimento do real que não é do homem, que vem do alto» (p. 114/115). Espero que Deus me conceda esta graça, pelo menos nesta Quaresma.

Agradeço-te, porque me parece que descreveste bem o que é que está em jogo para todos nós nesta verificação. Eu faço esta verificação para mim. Faço-a porque já não posso deixar de a fazer. Podia não o fazer – como tu dizes –, seria mais fácil dar a ordem de marcha: «Todos para Roma!». Em vez disso, quis desafiar cada um a fazer a sua verificação pessoal. Sabia no que me estava a meter. Mas a mim não me interessa agradar aos outros ou a mim mesmo. Interessa-me verificar, pessoalmente. Arrisquei para verificar se esta intervenção responde aos desafios que temos pela frente. É uma tentativa, sem nenhuma pretensão de que fosse a coisa mais certa a fazer. Por isto, convidei cada um a que fizesse esta verificação. O artigo da *Tracce* foi o resultado disso. E não é para vos dar uma doutrina para repetir, mas para vos convidar, a cada um, a verificar pessoalmente. Caso contrário, não poderíamos estar no mundo com um rosto, com as razões, com uma certeza, como a que ouvimos esta noite. O sinal de que Cristo está presente agora e de que não é uma recordação do passado é precisamente que eu posso verificar no presente a conveniência da fé, a pertinência da fé às exigências da minha vida. Se eu não percebo isto, fico-me pela repetição “daquilo que já sei” mas, no fundo, estou derrotado. Em vez disso, aqui todos temos a possibilidade de verificar. Por isso, acabo com a referência a um artigo da *Tracce* sobre o nosso médico amigo Francesco Boin que trabalha em São Francisco. O mundo em que ele vive será sempre cada vez mais o nosso, com desafios muito pesados para enfrentar (tem de estar sempre preocupado com o que diz porque qualquer interferência na consciência do outro lhe pode causar um conflito laboral). No entanto, o Francesco diz que «esta partilha muda tudo, até mesmo os aspectos médicos da sua situação. E o meu primeiro contributo é que eu responda, a mim próprio, à ferida que a realidade me dá». Só se cada um verificar é que pode viver com dignidade num mundo como o nosso. «Aqui, a verdadeira batalha cultural é reconstruir uma plenitude de vida vivida [lá como cá, como podem ver]. Então, a minha tarefa é render-me à atractividade que a realidade gera nos meus dias, à descoberta de como Jesus responde à minha necessidade. [...] A possibilidade de testemunho é que vejam em acção em mim aquilo que eles procuram». Foi desta certeza que falámos esta noite. O colega disse-lhe: «Tenho de te perguntar uma coisa. Tens de me explicar. Não tens uma mulher, não tens um homem, mas vê-se que há um ponto de estabilidade na tua vida». E pergunta-lhe: «O que é que está por detrás disso?». Não pode deixar de suscitar a pergunta sobre a origem e não pode deixar de ser ocasião de dizer a razão, porque a coisa mais complicada e mais difícil é fazer surgir a pergunta. «Quem é este?». Então, dois mil anos depois: «O que é que está por detrás disso?», «És religiosa?». O Francesco responde: «Sou católico e para mim a experiência da fé foi o encontro com uma Presença de tal forma viva e de tal forma atraente que Lhe dei a vida. O meu ponto de estabilidade [ele não é casado, não tem ligações afectivas] é esta relação»: a relação que vive com Cristo. Então o outro diz-lhe: «Obrigado. Percebo que é uma coisa assim o que me falta a mim» («O que é que está por trás», por Alessandra Stoppa, *Tracce*, n. 3/2016, p. 40). É esta a nossa forma de estar no mundo. A questão que se coloca é se o capítulo da escola de comunidade nos tornou mais conscientes disto. E qual é o sinal? Se quando acordo de manhã prevalece a Sua presença; e não o facto de não me sentir à altura, porque é um dado adquirido que não estou. Ainda nos surpreendemos com Ele em acção no meio de nós, não como um facto do passado, não como uma recordação piedosa, mas como qualquer coisa de tal forma presente que nos enche, que toda a vida se enche da Sua presença? Se não é assim, todos os factos que contamos não são capazes de gerar uma maior consciência em nós. Então teriam razão aqueles que desconfiam que não é possível, para nós, termos a mesma consciência dos primeiros cristãos. Não é que não tenhamos diante de nós os factos, mas falta esta consciência de tudo o que esses factos demonstram. Por isso, às vezes, o Mistério tem que nos dar outras pessoas que nos façam a pergunta sobre a nossa origem, para que possamos chegar a esta consciência.

A próxima Escola da Comunidade terá lugar no dia 25 de Maio às 21:00. Saltamos o mês de abril porque temos os *Exercícios Espirituais da Fraternidade*. Retomaremos a última parte do capítulo II “Os três factores constitutivos”, da página 118 a 138; trabalharemos sobre isto no mês de abril, e depois sobre a Introdução dos *Exercícios* logo que esteja disponível, com esta pergunta: como é que

o Movimento muda a nossa concepção da Igreja, isto é da modalidade com a qual nós a vivemos? Em que é que a leitura do último ponto deste capítulo, “Um novo tipo de vida”, muda a nossa concepção da comunhão, da relação entre ontologia e ética, da relação entre comunidade e autoridade? Todos os factores que ali aparecem, pedem-nos uma mudança de consciência. Como vemos, a Escola de Comunidade dá frutos se todos os dias fazemos um trabalho de comparação com algumas das frases que lemos, para nos darmos conta de como ajuíza o nosso dia, para nos tornar conscientes. Como nos contava a nossa amiga, bastou-lhe uma frase para introduzir um olhar diferente sobre como está a viver o trabalho. Basta isto. Se a Escola de Comunidade não é alguma coisa que nos acompanha como hipótese com a qual entramos no real, reduz-se aos nossos comentários; mas então para que serve? Assim não se tornará nunca interessante. Torna interessante quando uma pessoa percebe que esta lhe oferece a sugestão de um modo de estar no real que o muda. Por isso é uma companhia à vida. É esta comparação constante que alarga o nosso horizonte e faz tornar mentalidade aquilo que *don* Giussani nos propõe, confirmado depois na experiência dos factos que acontecem.

A Página Um da Tracce de março reproduz a minha intervenção na Assembleia de Responsáveis de Itália. É um desenvolvimento de aspectos que são contemplados no livro *A beleza desarmada* e um contributo para nos ajudar a ajuizar os desafios actuais. Como disse, é uma tentativa que ofereço como um sinal daquele trabalho de que falava a nossa amiga, um sinal de amizade se vos servir, se não deitem-no fora. Convido-vos a lê-lo e a dá-lo a conhecer a todos os nossos amigos, para nos ajudar a realizar esta comparação.

Manifesto da Páscoa. É um instrumento que propomos cada ano, juntamente com o manifesto de Natal, como proposta a todos de um tema que nos interessa especialmente. Num ano como este, eu pergunto-me: o que é que o Papa quer que aprendamos neste Ano da Misericórdia? Se uma pessoa não se faz esta pergunta, é porque pensa: “Eu já sei o que é a Misericórdia”. E ao contrário, talvez não o saibamos ainda. Com esta pergunta devemos preparar-nos para os *Exercícios*: o que é que teria em mente o Papa para ter convocado o Ano da Misericórdia?

Releio a frase do Manifesto: “A fragilidade dos tempos em que vivemos é também esta: acreditar que não existe a possibilidade de resgate, uma mão que te levanta, um abraço que te salva, te perdoa, te anima, que te inunda de um amor infinito, paciente, indulgente; que te volta a pôr no caminho certo. Quando se experimenta o abraço de misericórdia, quando nos deixamos abraçar, quando nos comovemos: então a vida pode mudar, porque procuramos responder a este dom imenso e imprevisto, que aos olhos humanos pode mesmo parecer “injusto”, de superabundante que é” (Papa Francisco).

“Quando o centurião viu Jesus, quando a samaritana se sentiu olhada e descrita em tudo e quando à adúltera foi dito: “Também Eu não te condeno, vai e não tornes a pecar”; quando João e André viram aquele rosto fixá-los e falar-lhes: foi uma imersão na sua presença. Imergirmo-nos na presença de Cristo que nos dá a sua justiça, olhá-Lo: esta é a conversão que nos muda pela raiz; quer dizer, que nos deixa perdoados. Basta olhá-lo de novo, basta repensá-lo, e somos perdoados” (Luigi Giussani).

Exercícios espirituais da Fraternidade. As inscrições no site da Fraternidade abrem sexta feira 18 de março e fecham a 5 de abril. O gesto dos *Exercícios*, para além das lições a da assembleia, é feito também de silêncio, de canto, de oração e de atenção ao outro. Por isso disponibilizemo-nos a vivê-lo na sua totalidade, para que se torne incisivo na nossa vida, com a pergunta que vos deixei. Recomendo-vos, por isso, que participem em todo o gesto como expressão desta mendicância de que temos necessidade.

Que a próxima Semana Santa nos encontre desejosos de nos identificarmos com a humanidade de Jesus, que se ofereceu gratuitamente em sacrifício por nós confiando unicamente na relação com o Pai, como o dom maior da misericórdia que Deus faz a cada um de nós, através o Seu Filho.

Veni Sancte Spiritus

Boa Páscoa a todos!